

CARLOS GOMES EM MILÃO (1878)

Visconde de Taunay

Na bela estação da estrada de ferro de Milão, um homem moreno, de feição expressiva, olhos negros, coma grisalha e metido num sobretudo que lhe descia aos pés, precipitou-se sobre mim, apertou-me freneticamente nos braços e beijou-me as faces. Era Carlos Gomes. Apressadas, atropeladas, saíam-lhe dos lábios inúmeras perguntas sobre o Brasil, o Imperador, os amigos e conhecidos do Rio de Janeiro, o conceito que dele faziam, a confiança que porventura merecia, sobre mais isto e mais aquilo, o transbordar, enfim, sincero e impetuoso de um coração de artista e de patriota. “Há tanto tempo, exclamava ele, tomando-me aos mãos, que não digo uma palavra de português ! ... E é tão bom a gente exprimir-se na língua que falou em criança !”.

Fomos para o grande hotel de Milão, à rua Alessandro Manzoni. Nem de propósito, por feliz coincidência anunciaram os cartazes suspensos à porta que no Teatro Dal Verme, o único que trabalha agora, naquela noite representava-se o **Salvator Rosa**. Ato contínuo e a pé dirigimo-nos para lá a tomarmos um camarote.

Pelas ruas, Gomes era muito cumprimentado; pessoas deixavam a calçada do lado oposto para virem dar-lhe a mão com verdadeira afetuosidade. No teatro, desde o porteiro até ao diretor, acolheram-nos com sorrisos e facilidades. “Para o **maestro**, tudo”, diziam eles, e, como eu ia sendo à medida apresentado pelo **maestro** com calor e quase entusiasmo, a amabilidade italiana tomava forma de pomposa exuberância. Camarote, o melhor, libretos, entradas, tudo foi-me oferecido no meio de muitos elogios ao Brasil. “Que terra ! Que natureza ! Que Imperador ! Que talentos !”.

À noite, depois de passearmos todo o dia pela cidade. Agora, cá do meu lado exclamo: “Que belezas ! Que monumentos ! Que magnificências !”, apesar de estar com o peito muito atacado de um defluxo e já com uma pontinha de febre, quis por força acompanhar-nos. À porta, um menino apresentou-lhe o libreto, gritando “Salvador Rosa ! a grande ópera !” O porteiro, que viera abrir-nos o carro interpelou-o, rindo-se: “Então, tolinho”, não conheces ainda o maestro ? Queres vender pão ao padeiro ?”.

O Teatro Dal Verme é vasto e elegante. Foi enchendo-se aos poucos. Às oito menos um quarto começou a “ouverture”, executada por

excelente orquestra. Gomes não estava, contudo, satisfeito, aliás como sempre. “Não acho sonoridade, resmoneava ele; os violinos não cantam. Estes músicos ainda não compreenderam o que eu quis dizer !”

Nesse tempo a sala estava quase cheia. Também a inspirada canção de Gennariello:

“Mia pêccérella, deh ! vieni allo mare
Nella barchetta v'è un letto di fior !”

foi muito aplaudida e bisada. Cantava-a, aliás, a favorita do público, a senhora Elena Boronat, que tem voz fresca e extensa. Tão feliz não era Salvador Rosa, cujo papel o tenor Frederico Devillier, conhecido no Rio de Janeiro pelo seu fiasco, interpretava pessimamente, ou melhor, assassinava. A cada nota desafinada, e não eram poucas, Carlos Gomes metia a mão nos cabelos, erguendo com fúria concentrada aquela legítima juba. A primadonna Contarini, que fazia de Isabella, é boa, mas está um tanto cansada. Com muito sentimento disse a bela **romanza**:

“Volate, o libere
Aure dei cieli...”

e no apaixonado dueto do terceiro ato com o Duque d'Arcos, o **signor** Tamburlini mereceu as palmas que colheu. Quanto a Mesaniello (Bertolasi), não compensava com a voz a impropriedade de seu tipo avolumado e um tanto grotesco.

Apesar dos senões da interpretação, a ópera agradou-me imenso. Os dois últimos atos sobretudo têm coisas muito notáveis, e que arrancaram sempre aplausos de um público habitualmente desatento.

No quarto ano foi novamente bisada a canção de Genariello, e se a Boronat não se declarasse fatigada, teria sido repetida pela terceira vez. “É sempre assim, disse-me Gomes, o que nada me custou, o que escrevi apenas num momento de bom humor, causa todo este barulho, ao passo que a **Fosca**, que é um trabalho sério, consciencioso e cheio de valor, foi recebido friamente. Retrataram-se, é certo; cobriram-me de flores e palmas com a mesma **Fosca**, mas o golpe já estava dado. Compús **Salvator Rosa** em seis meses, como mero desabafo”.

A linguagem de que usa Gomes é sempre imaginosa e pitoresca, um tanto acaipirada. Assim, quando ao finalizar Devillier a ária do primeiro ato:

“Forma divina, eterea
Di luce e di candor,”

que cantou sempre meio tom abaixo, engasgando-se por vezes, gritaram bis, Gomes exclamou do seu canto e frenético: “Qual bis ! Qual bis ! Toca o boi para diante !”

Nos entreatos vieram ao nosso camarote o diretor do teatro, o sr. Villa, e o regente da orquestra, o sr. Cialdo Cialdino. Este contou-nos que o tenor gabara-se de estar numa de suas melhores noites, tendo naturalmente chegado a contentar o maestro, cuja presença sabia no teatro.

O sr. Villa mostrava-se satisfeito com a casa que tinha. “Gomes, disse-me ele, é o favorito do público. É hoje a décima representação desta ópera na presente estação, e entretanto acode sempre gente. Agora simultaneamente dá-se o **Salvator** aqui em Milão, em Florença, Roma, Nápoles e Malta. Em Florença foi escolhido para o espetáculo em grande gala, por ocasião da chegada do rei Humberto”.

Sem termos visto o bailado que se seguia, voltamos para o hotel à meia-noite.

No dia seguinte, pela manhã, fui à casa do maestro, 2º andar nº 10, via Soncino Merati, mais viela do que rua, pois é tão estreita que nela mal entra um carro. Achei-o de cama, tendo ardido toda a noite em febre.

Ainda assim estava já de lápis em punho a corrigir as últimas provas de **Maria Tudor**, cuja redução para piano e canto por N. Celega sairá por todo o mês de Dezembro, formando uma das mais belas e luxuosas edições que dará o importante estabelecimento Ricordi.

Esta ópera é a grande esperança de Gomes e de sua estremosa e inteligente esposa Adelina Peri. “Se **Maria Tudor** fôr por diante, então editores e empresários hão de ficar comigo que nem cordeirinhos”.

Ali mesmo executei ao piano uns trechos que me pareceram excelentes e cheios de harmonias contraponteadas.

Para compor, Carlos Gomes lê e relê o libreto que lhe dão; não o deixa noite e dia; decora-o; leva-o consigo a toda a parte; a cada instante o consulta. Possui-se do assunto quanto possível; depois num dia de maretta senta-se à mesa de trabalho e rapidamente enche cadernos e cadernos de papel de música. Muitas vezes, num ímpeto de impaciência rasga tudo quanto escrevera durante semanas inteiras e recomeça logo, sem guardar nada da primeira inspiração. Com a **Maria Tudor** aconteceu que, estando pronta para o prelo, julgou dever modificar alguma coisa e de emenda em emenda, a cortar ou aumentar, refez de princípio a fim toda a partitura. Eis o labutar consciencioso, a aspiração irresistível à perfeição, acompanhada dessas agitações íntimas e contínuas que o poeta pintou neste verso

“Est Deus in nobis, agitante calescimur illo”,

e que nesta vida tudo podem dar, ovações, grandezas, glória, apoteose, menos a felicidade.

Se ele quiser ajudar-se ao piano, a improvisação o levará por veredas sem fim e nada lhe ficará de horas e horas de melodioso devaneio.

É preciso agarrar pelos cabelos a imaginação e obrigá-la a caminhar de modo que a pena possa seguir-lhe os precipitados passos.

“Estou pensando muito na **Moema**, que você me mandou, disse-me ele, mas tenho medo de me meter outra vez com bugres. Preciso, enfim, remexer tudo aquilo nesta caldeira, a minha cachola. O maldito Ghislanzoni, o melhor libretista da Itália, foi encafuar-se em Lecco, ficou um esquisitão, anda sempre arrufado e faz-me uma falta imensa”.

De todos os lados, aliás, enviam-lhe libretos, dramas líricos ou cantatas para serem postos em música, todos com pomposas dedicatórias, legítimas filhas do engenho meridional.

Entregue de corpo e alma à família, Carlos Gomes compõe, instrumenta, combina todos os efeitos de orquestra, faz e desfaz no meio do barulho e gritaria dos seus dois filhos Carlos André e Mário. Nasceu-lhe há dois meses uma gentil filhinha, que se chamará Itala. A sorte dessas crianças preocupa-o muito. “Que serão elas, nascidas e criadas aqui? Meus filhos italianos? “E batendo com uma mão fechada na outra, protesta com violência: “Não quero! Hão de ser brasileiros. É a pátria deles o Brasil!”

Perguntei-lhe se não pretendia ir um dia estabelecer-se no Brasil. “Eu bem quisera! E daí quem sabe? Mas como sair deste centro da maior agitação musical? Todos os anos apresentam-se na Itália, e principalmente aqui, para mais de 40 óperas novas em concorrência. E quantas se afundam para sempre! Onde está Marchetti? Onde Auteri, que apareceram como astros cheios de esplendor e sumiram-se como meteoros? Que teatro dá mais **Dolores**? Quem sobrenada é Ponchielli, uma grande esperança!”

O **Guarani** continua em sua carreira ascensional. Disse-me o professor Celega que só na Itália o editor Lucca já tirara para cima de 250.000 francos líquidos, e de contínuo o levam à cena em Trento, Trieste, Barcelona, Madrid, Malta, sem falar na América.

“Foi a minha salvação O **Guarani**, exclamou Gomes. Sem ele, eu estaria hoje, quando muito, professor de piano e música. Sou por isso grato a Lucca, mas entreguei-lhe a fortuna de meus filhos!”

E note-se que aqui os lugares nos teatros são baratíssimos, ridículos até. Um bilhete de platéia custa 1 fr. 25 cent.

Na tarde de 10, voltei à casa de Gomes e só a desoras é que me levantei para sair, apesar de seus protestos. “Espere mais um pouco, homem, pedia ele, tenho tanto que lhe perguntar!” A fazer-lhe a vontade, ficaríamos a noite inteira a conversar.

Meio receoso de me perder e a tiritar com frio, tomei por uns becos, dobrei a rua Pietro Verri, saí na de Bigli e, ao desembocar, esbarrei com a porta do meu hotel.

Na manhã de 11, fui então dizer-lhe o adeus de despedida. Passara melhor a noite e pretendia nesse dia levantar-se. A senhora acompanhou-nos até ao momento em que entramos no carro, que nos levou à estação do caminho de ferro com destino ao lago de Como.

Lecco, 12 de novembro de 1878

(*Recordações de guerra e de viagem*, pp. 148 a 154. Segunda edição. São Paulo, Melhoramentos, 1924).